

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 2

Título: "O RETRATO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): FONSECA, MANUEL DA

Adaptador: TURTADO, RUI

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 17/11/1975

Data de Emissão: 25/11/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
MANUEL CAVARO	MANUEL
ARIANDA TAVEIRA	DELINHA
BRANCO ALVES	PAI
MANUEL DE MATOS	MANUEL EM PEQUENO
BREMLDA GIL	MAE
ADELAIDE JOAO	PROFESSORA

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

M. Pereira

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR ARTÍSTICA - RUI DE BARVALHO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º 756	PROGRAMA _____
DATA DE ENTRADA 17/ NOV. 1975	SEÇÃO DE _____ / _____ / _____
PEDIDO DE GRAVAÇÃO A GRAVAR EM _____ / _____ / _____ HORA _____	_____ HORAS VISTO
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

O RETRATO

Um conto de Manuel da Fonseca, adaptado para a rádio por Rui Furtado

PERSONAGENS

MANUEL -----
 DELINHA -----
 PAI -----
 MANUEL (EM PEQUENO) (10/11 anos)
 MÃE -----
 PROFESSORA -----

O RETRATO

Um conto de Manuel da Fonseca, adaptado para a Rádio por Rui Furtado

RISO DIVERTIDO, DISCRETO, DE MULHER.

- MANUEL - De que estás tu a rir, Delinha? (NOVO RISO, AGORA MAIS FRACO)
Não ouves? De que estás a rir, tão divertida?...
- DELINHA - Deste retrato...
- MANUEL - (VINDO A PRIMEIRO PLANO) - Qual retrato?... Deixa ver... (NUM
TOM COMPUNGIDA CENSURA) - O teu retrato de miúdo... Mas quem
te mandou a ti mexer nisto?...
- DELINHA- Há algum mal em me eu folheie a tua caderneta de liceu?...
Tanto mais que foste sempre um aluno muito bom... A avaliar
pelas notas...
- MANUEL- (LEVEMENTE IRRITADO) - Mas onde a foste tu desencantar?...
- DELINHA - Estava a arrumar uma das gavetas da tua secretária... e desco-
bri-a no meio de uma data de papeis... Tive curiosidade...
- MANUEL - (AGASTADO) - Deixa-me ver isso!
- DELINHA - Pronto... Aqui tens. Mas porque estas tu tão agastado? Que mal
há em que eu veja este retrato?
- MANUEL - Porque eu sempre embirrei com esse retrato e nunca gostei que
ele fosse visto... Muito menos queria que tu o visses... É
um retrato ridículo!
- DELINHA- Um pouco, talvez... Realmente... como tu eras em pequeno...
- MANUEL - Eu nunca fui assim... Nunca fui assim mesmo em pequeno... Não

tenho culpa que me tivessem vestido esse fato ridículo, e nunca teria tirado este retrato se isso dependesse de mim...

DELINHA - Com certeza que não te poderias matricular sem apresentar fotografias.

MANUEL - Pois não. Mas não teria tirado um retrato desses... nem com esse fato... nem nas circunstâncias em que esse foi tirado. E não teria ficado com essa expressão...

DELINHA - Pareces terrivelmente assustado...

MANUEL - E estava-o, de facto, no próprio momento em que o fotografo disparou a máquina...

DELINHA- Mas porquê?...

MANUEL - Queres que te conte a história?

DELINHA - Gostava.

MANUEL - Pois então escuta: Berta manhã, meu pai ordenou-me inesperadamente:

- SEPARADOR - Em retrospectiva

PAI - Manuel! Diz à tua mãe que te vista o fato novo para ires tirar o retrato!

MANUEL (EM PEQUENO) - Mas hoje não é o dia dos meus anos...

PAI - Pois não. Mas lá em Beja precisam de dois retratos teus. É para te identificarem.

MANUEL (IDEM) - Identificarem?

PAI - Sim. Para saberem que és tu e não outro.

MANUEL (IDEM) - Não percebo. Como podem eles supôr que vai outro em meti lugar?...

PAI - (NUM BERRO) - Faz o que te digo, rapaz!

- SEPARADOR -

MANUEL (ADULTO) - Claro que fiz o que o meu pai me dizia.

DELINHA (BRINCANDO) - Eras um menino obediente...

MANUEL - Nem havia outro remédio, quando o meu pai me chamava "rapaz", era uma regra que, à custa de alguns sopapos, eu acabara por introduzir nas nossas relações. Respeitando a regra, fui pois ter com a minha Mãe, para me vestir de ponto em branco.

-SEPARADOR - RETROSPECTIVA-

MANUEL - Mãe... mãe...

MÃE - Que queres tu?...

MANUEL - O pai disse para a mãe me vestir...

MÃE - Para eu te vestir...?

MANUEL - Sim... Para ir tirar o retrato...

MÃE - Ah já sei... É por causa do Liceu em Beja... Espera aí, que eu vou buscar-te a roupa....

MANUEL - Não me diga que me vai trazer o fato novo, de colarinho engomado.

MÃE - (já de segundo plano) Pois claro... Que fato querias tu vestir?

MANUEL - Então não podia ser um como este?

MÃE - Tu estás doido? E então logo um retrato para ir para Beja... para o liceu... Nem que fosse cá na terra. Um retrato sempre é um retrato... uma coisa para ficar.

FA/

SEPARADOR

- MANUEL(Adulto)- E lá tive que deixar vestir esse fato horrroso com que aí estou no retrato...
- DÉLINHA - Não é assim tão feio o fato...
- MANUEL - Não digas isso!... É horrroso. E já naquele tempo eu, que era ainda apenas uma criança, me sentia tremendamente contra feito e ridículo quando tinha de o usar... Mas enfim... não havia outro remédio se não vestir o fato "à mamã"...
- DÉLINHA - Fato "à mamã"?...
- MANUEL - ^{Avul.} Era como nós, os rapazes desse tempo, chamávamos aquele tipo de vestuário.
- DÉLINHA - E foi só por causa do fato que tu ficaste no retrato com este ar tão estranho?
- MANUEL - Não só por causa do fato... embora ele tenha ajudado bastante. Mas eu conto-te o resto. Daí a pouco, com grande escândalo dos meus amigos, passei pelo largo, a caminho da casa do sr. Rodrigo.
- DÉLINHA - Quem era o Sr. Rodrigo?
- MANUEL - O fotógrafo da terra... Tinha uma história curiosa que também teve bastante influência no ar com que eu fiquei na fotografia, Mas conto-te mais tarde. Passava eu pelo largo juntamente com o meu pai, a caminho da casa do fotógrafo. Nem imaginas como me sentia vexado. - "Olha! Lá vai o Manuel vestido "à mamã", chasquavam uns para os outros, fazendo chacota de mim.
- DÉLINHA - E o teu pai?... Que dizia a isso?...
- MANUEL - Naturalmente nem se importava ou achava-os selvagens e estúpidos. Mas eu não. Eu sentia-me era envergonhado e achava-lhes razão. É que mamã era a expressão que entre nós se usava para designar não apenas o fato mas certos rapazitos, medrosos e tímidos, que sempre vestiam daquele modo e que por isso achávamos que não sabiam brincar nem prestavam para nada. A peça de roupa que mais caracterizavam "um mamã" era o colarinho gonado aberto sobre o casaco.

- DÉLINHA - E que enorme colarinho... alto e largo... tapa-te o casaco até aos ombros...
- MANUEL - Pois é... E vê lá tu com que disposição deveria eu ir... eu, que entre os meus companheiros de brincadeiras, sempre fora tido e respeitado como um rapaz às direitas.
- DÉLINHA - (Rindo) Faço ideia, coitado.
- MANUEL - Nem olhava para ninguém. A certa altura, mãe me contive que não perguntasse ao meu pai:

SEPARADOR = RETROSPECTIVA

- MANUEL - Eu lá em Beja tenho de andar sempre assim?...
- PAI - Assim como?
- MANUEL - Assim sempre direito e calado...
- PAI - Pois claro que tens!

SEPARADOR

- MANUEL - Pensei ainda repetir a pergunta, de modo a saber se, além de andar daquela maneira, teria que vestir sempre aquele fato.
- DÉLINHA - Pobre Manuel...
- MANUEL - Mas achei inútil perguntar. Pois não ia eu para o liceu? Não ia eu naquele momento tirar o retrato para que toda a gente em Beja visse bem quem era eu?... Meu pai já me havia dito, quando acabámos de atravessar o largo, a caminho da casa do fotógrafo; depois que tínhamos já passado a malta dos companheiros de brincadeira.

SEPARADOR - RETROSPECTIVA

- PAI - Manuel... se ficares bem no exame, como espero...
- MANUEL - Hei^{de} ficar, pai... ~~Estudei~~^{Estudei} bastante...

FA/

PAI - Eu sei. E não és parvo nenhum. Pois se ficares bem no exame, já sabes que vais para Beja, para o liceu...

MANUEL - Vou ficar a viver longe da família...?

PAI - Assim é preciso. Para teu bem. Virás à terra nas férias...

MANUEL - Vou sentir saudades... Viver distante de todas estas coisas que me são queridas...

PAI - Isso passa-te...

MANUEL - Pois é... Vou ficar sem os meus companheiros daqui...

PAI - Arranjarás outros. E melhores. A tua vida vai levar uma grande volta...

MANUEL - É nisso que eu penso...

PAI - Tu já estás um homenzinho. E tens de ter juízo.

-SEPARADOR-

MANUEL - Ter juízo. E foi sempre pela rua fora repetindo-me estas palavras e outras que tais. Claro que eu não caminhava com o à vontade do costume. O fato vincado e a gola dura em volta do pescoço, faziam-me caminhar contrafeito. Tinha de conservar o corpo hirto, de modo a adaptá-lo à solenidade do vestuário. Aquela gola, então, altíssima, obrigando-me a marchar de pescoço esticado, como um ganso...

DELINHA - E ainda hoje, após tantos anos, tu sentes vergonha...

MANUEL - Não é pela gola... mas pelo resto de estarecido espanto com que fiquei no retrato...

DELINHA - Manuel... As coisas são como são... não temos que nos queixar...

ML/

MANUEL- Mas essa fotografia horrível, aí, na primeira folha da minha caderneta de aluno do liceu... Compreendes... Sempre é um documento que gostamos de mostrar às pessoas conhecidas... E eu estou impedido de fazê-lo... Não quero que vejam a cara com que fiquei...

DELINHA- Não gostas de tirar retratos?....

MANUEL(GR)- Não é bem por isso...

DELINHA- Mas não estavas habituado a tirá-los quando eras pequeno...?

MANUEL- Não. Não estava. Até aí, eu só tirara retratos no dia do meu aniversário. O meu pai escrevia a data na parte de trás; dava um à avó, outro aos meus padrinhos e guardava os restantes. Às vezes mostrava-os às visitas. Eram todos eu, desde a idade dos cueiros até ao horrível colarinho de goma, tirado no ano anterior. Em nenhum havia nada de especial: apenas a cara que eu tinha quando os tirei.

DELINHA- As pessoas modificam-se...

MANUEL (GR)- De facto. E as coisas também. Depois que entrei para o liceu, o mundo deixou de ser o que era. Tornou-se inenso e agreste. E como agora já não posso reviver os doces dias da minha infância, aborrece-me a desolada expressão com que a abandonei e que ficou gravada para sempre nesse maldito retrato. Mas basta olhar esta fotografia para ver quanto é triste deixar de ser orfança...

DELINHA- Todas as idades têm as suas compensações...

MANUEL- Sim... É pelo menos o que se diz... Mas deixa-me prosseguir. Fui, pois, fazer exame a Beja.

DELINHA- Ficaste bem, claro.

MANUEL- Fiquei. Mas não deixei de sentir os meus amargos de boca. Quando saí cá para fora, depois de terminadas as provas, meu pai e a minha professora vieram ter comigo.

-SEPARADOR- RETROSPECTIVA

- PROFESSORA- Foste bem, Manuelzinho. Deves ter passado, com certeza...
- PAI- Foi pena não teres respondido certo àquela pergunta sobre os verbos da primeira conjugação...
- MANUEL(PQ)- Atrapalhei-me... mas depois emendei...
- PAI- E também não soubeste definir o que eram preposições...
- PROFESSORA- O Manuelzinho apenas se enganou em duas coisas... Não deve ter importância.
- PAI- Pois sim... Mas podia ter respondido certo a tudo... Ele sabia, não sabias?...
- DELINHA- O orgulho dos pais...
- MANUEL- Mas o que é verdade é que eu sabia mesmo. Meu pai repetiu-me as perguntas e eu respondi certo. Estava portanto assente que eu ficara bem. Mas só quando daí a um imenso quarto de hora afixaram os resultados desapareceu de vez aquele retraimento que pesara sobre nós. A professora beijou-me, exclamando:

RETROSPECTIVA

- PROFESSORA- Eu não disse? Pois claro que foi um belo exame! Só tiveste um defeito: falaste demasiado. Nunca te calavas. Olha que quem muito fala...

-SEPARADOR-

- DELINHA- Que alegria todos os teus devem ter sentido por tu teres ficado bem.

- Manuel - Sim. Muito grande. Recordo-me de que o meu pai passou-me os dedos pelo cabelo, numa carícia. Pusera-se muito sério e pálido. Só então vi quanto era profunda a sua alegria.
- Délinha - E tu também não te deves ter sentido menos satisfeito...
- Manuel - Até tive vontade de chorar. Súbitamente, o meu pai ergueu a mão e gritou: Vou mandar um telegrama para casa. E saiu a correr, para os correios. Eu fiquei ali, com a professora e outros rapazes que tinham feito exame comigo, e também tinham sido aprovados. Ao ver-me rodeado de caras risonhas, os dias anteriores, tão enervantes e difíceis perderam o sentido. Da minha memória desapareceram as regras da gramática, os problemas, os rios, as linhas dos combois e as grandes figuras históricas. E as guerras, com datas e heróis, decorados um a um, sumiram-se-me da cabeça. Senti-me límpido e feliz, de novo criança. A vida era bela, e diante de mim abriam-se caminhos radiosos: Ia voltar a ser um pequeno rei na minha vida. Como estava longe de pensar que, meses depois, um grande susto me assombraria.
- Délinha - Um grande susto? O que foi? conta-me...
- Manuel - Lá chegaremos. Como ia dizendo, saímos de Beja na manhã seguinte. Estrada fora, olhando através da janela do carro para a imensidão dos planos, reparei que o mundo era bem maior do que eu imaginava. E a geografia, que tanto trabalho me dera a decorar, começou a ter para mim um certo jeito de coisa, afinal, verdadeira. "Talvez que a terra seja redonda e tão grande como o livro diz", pensei eu, resignado.
- Délinha - Porquê?... Até aí não acreditavas?...
- Manuel - Eu tinha sido forçado a meter tantas coisas na cabeça...
- Délinha - Compreendo-te. Também comigo se deu o mesmo. Decorava o que me ensinavam sem me preocupar senão com a necessidade de fixar. A expressão real, o verdadeiro significado do que aprendia eram noções que muitas vezes me fugiam ou nem me atingiam, sequer. O que era preciso era decorar para passar no exame. Mas desculpa... Interrompi-tá... e naturalmente fiz-te perder o fio à meada...

- Manuel - Não. Recordo-me que quando chegámos a casa, a minha mãe chorou; a avó comoveu-se um pouco. Depois, apesar de os dias correrem, todos os meus falavam ainda do exame e de Beja. Mas falavam tanto e de tal modo...
- Délinha - (risonhamente) ... que até parecia que eram o teu pai, a tua mãe e a tua avó que iam para o liceu cursar o primeiro ano...
- Manuel - Exactamente. Cá por mim só pensava no jogo da Bola e nas correrias pelo largo.
- Délinha - Era natural...
- Manuel - Era. Mas veio depois aquela manhã, quase no fim do Verão, em que o meu pai me levou a casa do Sr. Rodrigo...
- Délinha - O tal fotógrafo...
- Manuel - Sim. Como já te disse, taé aí eu só tirara retratos no dia do meu aniversário. Retratos para a família. Mas agora era diferente. Era um retrato "oficial"...
- Délinha - E foi por isso que te assustou ao ponto de teres ficado com esta cara...?
- Manuel - Não. Não foi bem isso. Mas já entrei com graves suspeitas em casa do fotógrafo. Na verdade, o Sr. Rodrigo ia tirar o retrato ao fim da minha infância. Era como se alguma parte de mim morresse, e a fotografia viesse a ser o meu rosto nesse momento de morte. Tudo isto e mais o que aconteceu depois foi a origem daquela expressão que tanto te alarmou Délinha.
- Délinha - E também do tal grande susto de que falaste há bocado?
- Manuel - Sim. Felizmente que há coisas que se podem remediar e eu creio poder apagar da tua memória a desgraçada imagem dos meus últimos dias de menino.

DELINHA- Não te preocupes com isso e conta-me lá então o que se passou em casa do fotografo, e que além dos problemas que já levavas contigo, foi a causa da expressão com que ficaste.

MANUEL- Vou contar-te. Mas para que compreendas bem, é necessário que primeiro te descreva o sr. Rodrigo e a sua vida... não sei se isso irá maçar-te...

DELINHA- De forma nenhuma. Estou interessadíssima em ouvir...

MANUEL- Pois bem. O sr. Rodrigo recebeu-me com cara de poucos amigos...

DELINHA- Porquê?... Não gostava de ti?

MANUEL- Cara de poucos amigos era a cara que tinha para toda a gente. Alto e magro, de bigode com as pontas reviradas para cima, os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente por detrás dos óculos de aros de ouro, e o rosto envelhecido parecia sempre carregado de espanto e de ira contra tudo o que via à sua volta. Falava aos gritos, abrindo ainda mais, se era possível, os olhos negros e redondos.

DELINHA- Devia ser uma criatura detestável...

MANUEL- Era um desgraçado. Tinha chegado à vila, havia muitos anos, com uma máquina fotográfica às costas. Ia a casamentos, a baptizados às feiras...

DELINHA- E a vida corria-lhe mal... 9 |

MANUEL- Pèssimamente. Mas houve um período em que lhe correu até muito bem. Um dia, tais manobras fez em volta da máquina e por debaixo do enorme pano preto |ao fotografar, de corpo inteiro, a família do lavrador da Chancuda, |que a filha deste...

DELINHA- Não me digas!... Apaixonou-se por ele!...

MANUEL- Foi assim mesmo. Casaram...

ML/

DELINHA- E o sr. Rodrigo descobriu mais tarde que não gostava da mulher, que só tinha casado por interesse... e passou a ter uma vida infeliz...

MANUEL- Lá isso não sei. Nem sequer se a princípio foram ou não felizes. O que sei é que quando o sr. Rodrigo já estava habituado a viver dos rendimentos do sogro, o lavrador e a filha enlouqueceram quase ao mesmo tempo.

DELINHA- Mas que tragédia!

MANUEL- E foi aí que começou a desgraça do sr. Rodrigo. Foi a avarenta da sogra quem passou a mandar em tudo...

DELINHA- Ah... percebo...

MANUEL- E que não de ferro eha tinha. Desde aí, a vida do sr. Rodrigo transformou-se num inferno. Pai e filha levavam o tempo a fazer tropelias. Partiam loiça, móveis; corriam pela casa, atirando cadeiras ao chão. Só depois de muito cansados se aquietavam. Então adquiriam a expressão, entre medrosa e inocente, de duas pobres crianças que apenas andavam a divertir-se um pouco.

DELINHA- Pobre sr. Rodrigo...

MANUEL- Dizes bem... E quando o pobre sr. Rodrigo pensava que ia passar o resto do dia em sossego, recomeçavam as correrias, os desatinos. Muitas vezes vi o lavrador da Chancuda, de grandes suíças brancas a cantar alegremente à janela (IMITANDO)
"Oh Rodrigo, com quem dormes tu?"
Depois, a filha aparecia na varanda e, imitando a voz do marido, acabava o verso. E ria com tanto gosto na cara do sr. Rodrigo, que nem pareciam doidos.

DELINHA- Faço ideia do escândalo que isso deve ter constituído, mais a mais numa terra pequena...

- MANUEL- A vila achava imensa graça àquela cantiga. O sr. Rodrigo, esse esfalfava-se correndo o dia inteiro atrás da mulher e do sogro, a fechar portas e janelas. De vergonha, a principio quase que não saía à rua.
- DELINHA- E não era caso para menos, coitado. Mas a sogra não o ajudava nos cuidados a ter com os doentes?
- MANUEL- Não. Insensível a tudo, a sogra recebia os feitores, dava-lhes ordens, e arrecadava os dinheiros a sete chaves. Por fim, o sr. Rodrigo teve de voltar, desalentado, à antiga profissão de fotógrafo. E lá ia esperando. Mas os anos corriam, a mulher e o sogro estragavam-lhe os dias, e a sogra parecia cada vez mais fresca e cheia de saúde. Tais factos, por certo, influíram na maneira como o sr. Rodrigo encarava o mundo.
- DELINHA- Com certeza. Agora compreendo o sr. Rodrigo. E foi a pena que tu sentias dele que te levou a ficar neste retrato com uma cara tão angustiada? Ou foi medo?
- MANUEL- Eu era uma criança. Quanto a pena... não sei. Medo senti, com certeza. Dele, pela maneira como falava e, sobretudo, por uma coisa que aconteceu depois...
- DELINHA- Conta lá o que foi.
- MANUEL- Pensa que eu estava sentado na cadeira fatídica, diante da complicada máquina, cujo fole fora esticado ao máximo, como de propósito, para não perder nada da minha atrapalhão. Era pois aquele homem, que esperava com raiva a morte da mulher, do sogro e da sogra, principalmente da sogra, quem ia, sem se aperceber, fotografar a morte da minha infância... Ponho-me quieto. Não há que fugir. E componho uma cara de acordo com aquela serenidade que meu pai exigia de mim lá em Beja. De resto, a goma eudurecida da gola facilitava muito esta atitude. Um ar formalizado, rígido; boca séria, olhos graves. Até o cabelo, sempre revoltado, está cuidadosamente penteado. Ferozmente, o sr. Rodrigo analisa-me. Acima de tudo, ele é um artista que não consente que qualquer fedelho o deixe mal colocado.

DELINHA- Faço ideia de como tu estarias... Nem respiravas...

MANUEL- Nem respirava. O sr. Rodrigo avançou para mim, torceu-me a cabeça com dureza, puxou-me o queixo, empurrou-me a testa para trás, recuou e ordenou brutalmente: "Sorria com naturalidade!" Eu sucumbi, num esgar contrafeito de choro. Mas o sr. Rodrigo exclamou: "Exactamente! Quietos! Olhe para aqui!"

DELINHA- (RINDO DIVERTIDA) - E tu, como te sentias?...

MANUEL- Como se estivesse a ser torturado. Revirei os olhos numa agonia. O sr. Rodrigo berrou: "UM!... Dois!... Três!" Nesse preciso momento, tive a impressão de que a casa desabava. O estuque caiu do tecto, numa chuva branca. Um ruído enorme abanou as paredes...

DELINHA- Eram o lavrador e a filha num dos seus ataques de loucura...?

MANUEL- Eram. Ouvia-se uma correria desordenada, gritos, patadas contra o soalho... E isto precisamente quando o sr. Rodrigo, num nervosismo feroz, berrou: "Já está!"

DELINHA- O quê?!... Não me digas que o Sr. Rodrigo disparou a máquina nesse justo momento...

Manuel - Foi exactamente o que aconteceu. Pulei da cadeira e saí dali tão desnordeado que mal ouvi o meu pai desculpar "os pobres de Deus", como ele chamou à mulher e ao sogro do fotógrafo. Por muito tempo andei sorumbático alheado. Ao chegar a hora da partida, senti que me afastava de tudo quanto amava; já longe, no alto dos Cumiadás, voltei-me para as casas, para o largo, para as estradas em volta da vila. Os olhos arrasaram-se-me de lágrimas, e chorei longamente, chorei como se nunca mais voltasse. Depois, quando dei por mim estava em Beja, sózinhos, estranho no meio daquela gente, e os professores, gabavam-me o juízo e a aplicação ao estudo. Foi uma alegria para meus pais. Dela não participei, pois não podia esquecer os meus amigos de infância, livres e felizes, lá no largo!



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro "O Retrato"

Referência

N.º/R.P.L. *756*
N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação *25* de *Novembro* de 19 *75* às *9,15* horas.
da 1.ª emissão *1* de *Dezembro* de 19 *75* Programa *1º - 16/75*

Director artístico

Rui de Carvalho

Rui de Carvalho

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Manuel Cavaco</i>	<i>Manuel</i>	<i>Manuel Cavaco</i>
<i>Arminda Pereira</i>	<i>Debrisa</i>	<i>Arminda Pereira</i>
<i>Brauco Alves</i>	<i>Pai</i>	<i>Brauco Alves</i>
<i>Manuel de Matos</i>	<i>Manuel em pequeno</i>	<i>Manuel de Matos</i>
<i>Arminda Gil</i>	<i>Mãe</i>	<i>Arminda Gil</i>
<i>Adelaide João</i>	<i>Professora</i>	<i>Adelaide João</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Fernanda Reis

Gravação

Maria do Carmo

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, *25* de *Novembro* de 19 *75*